



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Ciência da Informação e Documentação – FCI
Departamento de Biblioteconomia

LOIANA SIMÕES NORONHA

A importância da Biblioterapia com crianças internadas em hospitais

Brasília/DF

2013

LOIANA SIMÕES NORONHA

A importância da Biblioterapia com crianças internadas em hospitais

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sofia Galvão
Baptista

Brasília/DF

2013

N852I Noronha, Loiana Simões.

A importância da Biblioterapia com crianças internadas em hospitais / Loiana Simões Noronha. - Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

52 p.: il.

Monografia (Graduação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sofia Galvão Baptista

1. Biblioterapia. 2. Leitura como forma de tratamento. 3. Bibliotecário. 4. Musicoterapia. 5. Biblioteca Viva. 6. Criança internada. 7. Contos infantis. 8. Estado emocional de criança internada. 9. Leitura. 10. Hábito de leitura.

CDU

027.6



Título: A importância da biblioterapia com crianças internadas em hospitais.

Aluna: Loiana Simões Noronha.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 26 de julho de 2013.

Sofia Galvão Baptista - Orientadora

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Dulce Maria Baptista – Membro

Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Ilza Leite de Azevedo Santos Lopes – Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

DEDICATÓRIA

Á Deus por mais uma vitória conquistada com êxito, á Nossa Senhora por sempre estar comigo, aos meus pais Euclides (saudades eternas) e Socorro pela dedicação e pelo amor, ao meu irmão, marido, comadres, compadres, primos, tios, amigos e toda minha família pelo carinho e compreensão. Aos meus filhos Ester e Pedro Euclides pela paciência e amor.

AGRADECIMENTO

Á Deus pela minha vida, pela vida da minha família, por me dar o dom da inteligência e sabedoria para conseguir quebrar as barreiras e conquistar com êxito mais uma etapa da minha vida!

Á Nossa Senhora por sempre passar a frente iluminando meus caminhos, por sempre estar presente na minha vida me intercedendo, protegendo e me cobrindo com teu manto santo!

Aos meus pais Euclides (eternas saudades) e Socorro pela educação, amor, dedicação e carinho. Agradeço em especial á minha mãe pela compreensão, paciência e auxílio com meus filhos, principalmente durante a elaboração desta!

Aos meus tios Walderez e Rosival que são os meus segundos pais, sempre cuidaram de mim com amor e carinho e que agora cuidam dos meus filhos como netos. Ao meu tio Barrigudo que substituiu a presença do meu pai com carinho.

Ao meu irmão Rodrigo pelo carinho, companheirismo, cumplicidade e amor!

Ao meu marido Vitor pelo auxílio, carinho, força e amor!

Aos meus filhos Ester e Pedro Euclides por ser minha inspiração!

Aos meus padrinhos Silvia e Getulio, Suze e Nilson pelo amor e dedicação.

A minha comadre Adriana, minhas primas-irmãs Rosangela, Liliane e Vanessa, a todos os meus primos em especial Larissa, Daiane e Danilo pelo carinho, força e torcida!

Á todos da minha família, tios, sogros, cunhados, sobrinhos e afilhados pelo carinho e torcida!

Aos meus amigos, em especial Luana, Mariana, Luiza, Bruna, Caroline e Thaiza pela amizade, pelos momentos que passamos juntas, pelo carinho, pela força e torcida!

Á minha orientadora Sofia Baptista pela paciência, dedicação, compreensão e por aceitar me orientar!

Á todos os professores da Faculdade de Ciência da Informação (FCI-UnB), em especial Ilza Lopes, Dulce Maria, Fernanda Moreno pela dedicação, ensino e carinho!

Ao Reginaldo Olegário que sempre me auxiliou com carinho!

A Clarice Caldin por ter me guiado nas pesquisas!

*"Os livros não mudam o mundo.
Quem muda o mundo são as pessoas.
Os livros mudam as pessoas"*
Mário Quintana

RESUMO

Trata e define a Biblioterapia, traz sua cronologia e indica quando passou a ser utilizada como método terapêutico, além de apontar quando passou de apenas um "método" para uma ciência. Oferece uma breve definição sobre Biblioteca Viva e Musicoterapia e sua relação com a Biblioterapia. Expõe as principais tarefas que o profissional bibliotecário pode exercer nessa área e em quais locais ela pode ser aplicada. O objetivo principal deste estudo é apontar como fica o estado emocional de uma criança internada em um hospital, e expõe principalmente a importância da Biblioterapia para pacientes internados, inclusive para crianças, e como suas atividades terapêuticas podem auxiliar no tratamento de doenças, auxiliar pais de bebês internados em UTI Neonatal, crianças em UTI e na Ala Pediátrica. Faz uma breve apresentação dos serviços que o um hospital deve ter para uma aplicação da biblioterapia e oferece uma proposta de serviços sobre a biblioterapia voltada a hospitais. Por fim, apresenta uma breve análise de alguns contos infantis que podem ser utilizados na aplicação de biblioterapia com crianças.

Palavras-chave: Biblioterapia; Leitura como forma de tratamento; Bibliotecário; Musicoterapia; Biblioteca Viva; Criança internada; Contos infantis; Estado emocional de criança internada; Leitura; Hábito de leitura.

ABSTRACT

The study focuses on setting the Bibliotherapy, outlines its chronology and indicates when it began to be used as a therapeutic method, while pointing out that it passed from a "method" to a science. Provides a brief definition of the Living Library and Music Therapy and its relationship with Bibliotherapy. Outlines the key tasks that librarians can play in this area and in which locations it can be applied. The main objective of this study is pointing to the emotional state of a child admitted to a hospital, and exposes mainly the importance of Bibliotherapy for hospitalized patients, including children and how their therapeutic activities can aid in the treatment of diseases, help parents babies admitted in NICU, ICU and children Pediatric Ward. A brief presentation of the services that a hospital must have for an application of bibliotherapy and offers a proposal for services on bibliotherapy aimed at hospitals. Finally, it presents a brief analysis of some fairy tales that can be used in the application of bibliotherapy with children.

Keywords: Bibliotherapy; Reading as treatment; Librarian; Musictherapy; Living Library; Child hospitalized; children's Tales; Emotional state of hospitalized children; Reading; Reading Habit.

Lista de Abreviaturas e Siglas

IFF	Instituto Nacional Fernandes Figueira
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
SUS	Sistema Único de Saúde
UTI	Unidade Intensiva
UTIN	Unidade de Tratamento Intensiva Neonatal
UTIP	Unidade de Tratamento Intensiva Pediátrica
UTIA	Unidade de Tratamento Intensiva Adulta

Lista de Ilustrações

Figura 1: Diagrama do ego e id . Fonte: FREUD 1996.....	XXXVI
---	-------

REFERÊNCIA

1 INTRODUÇÃO	XIII
1.1 Problema	XIII
1.2 Justificativa	XIII
2 OBJETIVOS	XV
2.1 Objetivo geral.....	XV
2.2 Objetivos específicos.....	XV
3 REVISÃO DE LITERATURA	XVI
3.1 A Biblioterapia	XVI
3.2 A Biblioterapia e a Biblioteca Viva	XXV
3.3 A Biblioterapia e a Musicoterapia.....	XXV
3.4 O Bibliotecário e a Biblioterapia.....	XXVII
4 METODOLOGIA	XXIX
5 ESTUDO DE CASO	XXXI
5.1 Como fica o estado emocional das crianças internadas em hospitais	XXXI
5.2 A importância da biblioterapia na UTI Neonatal, na UTI Pediátrica e na Ala Pediátrica.....	XXXI
6 PROPOSTA DE SERVIÇOS.....	XXXV
6.1 O Hospital e a Biblioterapia	XXXV
6.2 A Proposta de Serviços	XXXV
7 ANÁLISE DE CONTOS SUGERIDOS	XXXIX
7.1 A casa sonolenta.....	XXXIX
7.2 A Lebre e a Tartaruga.....	XXXIX
7.3 O Soldadinho de Chumbo	XL
7.4 Seu Feliz.....	XLI
8 PESQUISA.....	XLII
8.1 A Pesquisa	XLII
8.2 Durante período da internação	XLII
8.3 Análise da pesquisa	XLIV
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	XLVI
10 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	XLVIII

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo fornece uma breve apresentação sobre a biblioterapia, seu conceito, sua cronologia, define o início do método de leitura como forma terapêutica, aponta quando a biblioterapia foi reconhecida como uma ciência e expõe seus diversos campos de atuação.

Traz uma breve definição sobre a biblioteca viva e a musicoterapia, faz uma analogia dessas atividades com a biblioterapia e traz a relação entre o bibliotecário e a biblioterapia. Além de apontar a sua importância no meio humano, no convívio de pessoas de diferentes pensamentos e no auxílio ao tratamento de doenças.

Aponta o estado emocional de uma criança internada e a importância da biblioterapia em setores de um hospital. Expõe o que necessita para implementar a biblioterapia em um hospital, além de fazer proposta de serviços de biblioterapia para hospitais. Apresenta uma análise de contos e uma pesquisa.

1.1 Problema

Além de elevar a autoestima de uma criança doente, como a biblioterapia pode auxiliar no tratamento e/ou restabelecimento de uma criança doente e internada em um hospital?

1.2 Justificativa

Desde antigamente usa-se a leitura como forma terapêutica, seja através de livros literários ou não, como trechos de Bíblia, entre outros. A partir do século XIX houve a necessidade do aprofundamento sobre este tema, com isso, ocorreu seu crescimento principalmente no campo científico, onde começaram a surgir pesquisas sobre biblioterapia. Pouco tempo depois, a biblioterapia, passou de um simples método para uma ciência.

Este estudo foi elaborado com o intuito de apontar que a biblioterapia pode ser utilizada em diversos locais como empresas, presídios, entre outros. Aponta que a biblioterapia pode ser utilizada tanto grupos, como individualmente.

Demonstra a importância da biblioterapia como auxílio de doenças, principalmente como auxílio da recuperação de pessoas hospitalizadas em hospitais, inclusive crianças.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Verificar a importância da biblioterapia e seus campos de atuação.

2.2 Objetivos específicos

Identificar o começo do uso de livros como terapia e a partir de quando virou uma ciência.

Examinar sua aplicabilidade em diversos locais.

Identificar se a biblioterapia é importante para ser aplicada em crianças hospitalizadas

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A Biblioterapia

Biblioterapia é um termo surgido do grego *bibliontherapeia*, em que *biblion* é livro e *therapeia* é tratamento ou restabelecimento, ou seja, a biblioterapia é um tratamento que utiliza o livro como prescrição de auxílio do tratamento e/ou restabelecimento, leitura como forma terapêutica.

Ferreira define detalhadamente o termo *biblio* como material bibliográfico e *terapia* como cura, e afirma que a biblioterapia é um processo interativo, ou seja, tem que haver uma interação entre o livro e o leitor para que haja resultados positivos.

Biblioterapia é um termo derivado das palavras latinas para livros e tratamento. *Biblio* é a raiz etimológica de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e *terapia* significa cura ou restabelecimento. A biblioterapia é vista como um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste processo interativo é amplo. E inclui todo tipo de material, inclusive o não-convencionais. (FERREIRA, 2003).

Para o autor, qualquer fonte pode ser utilizada, contanto que esta fonte surta efeito positivo no processo. Marcinko comenta em sua definição que filmes também são indicados para o tratamento, portanto o filme deve surtir efeito para que haja uma interação entre o terapeuta e o paciente.

A Biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes, e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover autoafirmação, o autoconhecimento ou a reabilitação. (MARCINKO, 1989).

Para Caldin (2001), “a biblioterapia é definida como leitura dirigida e discussão em grupo que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios”. Mas a biblioterapia não é realizada apenas em grupos, pode ser realizada individualmente, dependendo do local, do problema e de como será o tratamento. Lima possui uma definição similar à citada acima:

[...] a biblioterapia como sendo um programa de atividades selecionadas, envolvendo materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento, devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo

com as propostas e finalidades prescritas. A biblioterapia pode conduzir à pacificação das emoções e tornar-se coadjuvante do processo de cura de pessoas hospitalizadas. (LIMA, 2009, p. 42).

Em uma definição mais antiga, o autor Hynes cita que nem todas as formas de utilização da biblioterapia é uma técnica psicoterápica e que pode ser utilizada também para o desenvolvimento pessoal, por exemplo, podendo auxiliar na autoconfiança.

A biblioterapia é uma técnica para promover a integração bem sucedida de valores e ações da pessoa que está se submetendo ao processo psicoterápico (nem todas as formas de Biblioterapia utilizam técnicas psicoterápicas), podendo assim ser utilizadas para o desenvolvimento pessoal. (HYNES, 1987).

Pereira já define a biblioterapia não somente como tratamento para cura ou restabelecimento de doença, mas também para autoconhecimento, autoajuda e autoestima e pode ser utilizada para auxílio em depressões:

A biblioterapia tem como objetivo, não somente, auxiliar no tratamento de doenças, mas também ajudar no autoconhecimento dos indivíduos. Ela tem uma grande importância, pois proporciona ao leitor identificar-se com os personagens do livro ou com determinadas experiências e assim purificar seus sentimentos ou pensamentos contidos. Além disso, o leitor pode ganhar com a leitura, tornando-se apto para recuar, entender e aceitar a realidade. (PEREIRA, 1996).

Antes de aplicar a biblioterapia, deve-se ter o conhecimento prévio da dificuldade em que o leitor ou ouvinte (caso a história seja contada) esteja passando. Deve-se ter análise da realidade do mesmo e o planejamento de como irá aplicá-la em busca de um resultado satisfatório. A biblioterapia tem o princípio de fazer com que o leitor ou ouvinte, a quem esteja sendo designada, interaja com a leitura e se identifique com uma das situações ou personagens do conto. De acordo com um ensaio realizado por Mariana Guedes e Sofia Baptista.

Todo o processo não se resume à designação de pessoas para um momento de leitura; antes disso há planejamento e análise da realidade dos participantes para um resultado efetivo. Ao ler ou ouvir uma história devidamente selecionada, o leitor se depara com um personagem com quem pode se identificar e participar de sua experiência, distanciando-se de seus próprios problemas e, dessa forma, encontra a possibilidade de encarar seus conflitos sem medo, ansiedade ou autocritica. (GUEDES; BAPTISTA, 2013).

A visão de leitura como forma de restabelecimento, melhoras e/ou tratamento vem desde a antiguidade, no antigo Egito com o Faraó Ramsés II que denominou sua biblioteca como “Remédios para a alma” e as bibliotecas da cidade como “casas de vida”. Na Grécia utilizava-se a leitura como tratamento espiritual e médico, suas bibliotecas eram denominadas

como “a medicina da alma”. Em Roma, Aulus Comelius também utilizou da terapia de livros como tratamento médico, quando recomendou leitura de obras como terapia. Em 1272, eram escolhidos trechos do Alcorão, livro sagrado do islamismo, como parte do processo de tratamento no Hospital Al Mansur. (FERREIRA, 2003)

Segundo Castro; Pinheiro (2005), no século XIX, a biblioterapia reapareceu como processo terapêutico realizado com livros em hospitais para doentes mentais:

Em 1802, Benjamin Rusch foi o primeiro pesquisador norte-americano a recomendar a leitura para doentes de um modo geral, e em 1810 também recomendou a Biblioterapia como forma de apoio à psicoterapia para pessoas portadoras de conflitos internos, depressão, medos ou fobias, e também para idosos. (ALVES apud CASTRO; PINHEIRO 2005).

De acordo com Pereira (1996), “a biblioterapia passa a ser um campo de atuação da Biblioteconomia a partir de 1904, quando uma bibliotecária e diretora de uma biblioteca, em Massachusetts, aplicou suas experiências e rendeu bons resultados”. A partir dessa experiência, a biblioterapia cresceu e foi se desenvolvendo cada vez mais, principalmente nos Estados Unidos, seu pioneiro, onde profissionais utilizavam bibliotecas hospitalares e despertavam interesse na terapia. Na Primeira Guerra Mundial, foram construídas bibliotecas nos hospitais do exército, onde se utilizava a biblioterapia como auxílio aos soldados feridos durante a guerra.

A partir da década de 30, a biblioterapia se firmou como campo de pesquisa, destacando-se as biblioterapeutas Isabel Du Boir e Emma T. Foreman. Em 1942, a pesquisadora Ilse Bry, formada em Psicologia, Filosofia e Biblioteconomia, publicou seu trabalho “Aspectos Médicos da Literatura: um esboço bibliográfico”. O primeiro Ph.D. nessa área foi com Caroline Shrodes com sua tese “Biblioterapia: um estudo teórico e clínico experimental”, dois anos depois, foi a vez de Esther A. Hartman com a tese “A literatura imaginativa como uma técnica projetiva: um estudo de Biblioterapia”. (ORSINI, 1982 apud CASTRO; PINHEIRO 2005).

Após a biblioterapia virar uma ciência recente, vários países adotaram-na como campo de pesquisa. Chegou à vez do Brasil aprofundar-se nesse campo. Com esse intuito foi criada em 2006 a Sociedade Brasileira de Biblioterapia Clínica, com seus objetivos voltados para a regulamentação da biblioterapia no país, a fim de criar um “vínculo” com os profissionais desta área para que possam trocar experiências para melhor trabalharem sempre visando o conhecimento e prática, além de sempre manterem atualizados seus trabalhos científicos e

incentivarem outros profissionais a criarem interesse por esta "nova" área. Esses objetivos são apresentados a seguir em oito tópicos.

- ❖ Formar profissionais para atuarem como biblioterapeutas clínicos;
- ❖ Reunir pesquisas e trabalhos científicos sobre o tema;
- ❖ Trocar experiências entre profissionais de áreas coligadas;
- ❖ Disseminar a prática nas escolas, hospitais e centros de saúde da rede pública;
- ❖ Fomentar a produção de material técnico sobre o assunto;
- ❖ Mobilizar o mercado editorial para a importância da aplicação da biblioterapia;
- ❖ Recolher material de cunho terapêutico, especificamente brasileiro, formando um acervo de histórias que façam parte de nossa cultura e deem suporte ao tratamento;
- ❖ Regulamentar a profissão.

A Sociedade Brasileira de Biblioterapia Clínica forma profissionais bibliotecários em terapeutas clínicos, cujo trabalho tem o intuito de formar profissionais que atuem com a biblioterapia clínica indicando literatura para os doentes. Porém são poucos os bibliotecários que têm esta formação suplementar, aos demais falta capacidade para executar a biblioterapia clínica, cabendo um trabalho conjunto com profissional da área médica e/ou psicólogo.

Diversos autores citam três tipos de biblioterapia, o qual Pereira, explica como:

Biblioterapia Institucional – é a que se refere ao uso de literatura (primeiramente didática) com clientes, individualmente, e que já se encontra institucionalizada. Inclui o uso médico tradicional de Biblioterapia cujos textos de higiene mental são recomendados a pacientes mentais. Isso caracteriza uma situação especial de prescrição de livros para doenças específicas (...). A meta é principalmente informativa e recreativa, embora algum material possa ser oferecido.

Biblioterapia Clínica – é a que se refere ao uso, numa primeira fase, da literatura imaginativa, com grupo de clientes com problemas emocionais ou comportamentais. Esses clientes podem ou não participar do programa voluntariamente. Os grupos podem ser liberados por um médico ou por um bibliotecário, mas geralmente são implementados por ambos, um consultando o outro. O ambiente pode ser um instituto ou uma comunidade, objetivando uma possível mudança no comportamento.

Biblioterapia Desenvolvidor – refere-se ao uso de literatura de modo imaginativo e didático com grupos de indivíduos normais. O grupo de Biblioterapia é designado e liderado pelo bibliotecário, professor ou outro profissional ajudante, para promover o desenvolvimento normal e autoatuação ou para manter a saúde mental. A Biblioterapia desenvolvidor pode ajudar pessoas em tarefas comuns, além de ajudá-las a suportar problemas individuais como divórcio, gravidez, morte e preconceitos, com refinamento das tarefas desenvolvidoras. (PEREIRA, 1996, p.57-58)

Existem outras diversas atribuições para os três tipos de biblioterapia, Danielle Ferreira explica em seu artigo a quem se designa cada tipo:

A Biblioterapia clínica é destinada as pessoas com sérios problemas de comportamento social, emocional, moral, etc. [...] é aplicada através de programas muito bem estruturados e que envolvem psicoterapeutas, médicos e bibliotecários.

Biblioterapia institucional é um tipo de auxílio aplicado em grupo ou individual e personalizado que uma instituição presta, através de uma equipe de profissionais, aos seus usuários, enfocando aspectos das doenças mentais, distúrbios de comportamento, ajustamento e desenvolvimento pessoal, fornecendo literatura sobre o assunto. Este material é usado nas sessões, devendo ser aplicado por um conjunto de profissionais, que inclua um bibliotecário treinado e acompanhamento de profissionais de saúde ou educação, dependendo do tipo de trabalho a ser feito. [...]

A Biblioterapia para o desenvolvimento pessoal é descrita como apoio literário personalizado para possibilitar um desenvolvimento normal e progressivo da pessoa que procurou por ajuda. Pode ser aplicada em caráter preventivo e corretivo. Também pode ser usada sob a forma de tratamento grupal. É indicada para aplicação em instituições educacionais. [...] (FERREIRA, 2003)

Cada tipo tem um objetivo diferente. A biblioterapia clínica tem o objetivo de auxiliar na mudança de comportamento dos pacientes a fim de gerar uma melhora no comportamento do paciente. A biblioterapia institucional tem o objetivo de informar ao paciente sobre seu problema, esclarecer, auxiliar e orientá-lo em suas escolhas em relação aos seus problemas. A biblioterapia desenvolvimental é um tipo de terapia que auxilia no caráter pessoal, e um método preventivo para manter a saúde mental durante uma fase problemática. Todos os tipos de biblioterapia utilizam-se do processo de autoconhecimento para modificar o comportamento do paciente.

Existem autores que citam além desses três tipos a biblioterapia clássica, que se utiliza apenas da leitura e discussão de textos literários, com o objetivo de que os participantes exponham seus dilemas buscando um auxílio para resolverem de seus problemas.

Segundo Caldin, a psiquiatra Sharon divide em sua pesquisa quatro áreas que podem utilizar a biblioterapia:

Sharon Sciabassi, em 1973, organiza uma revisão de literatura sobre o tema biblioterapia, classificando a pesquisa em quatro áreas profissionais: medicina geral (a técnica se volta ao campo médico, sendo aplicada por um bibliotecário do hospital ou por um bibliotecário em conjunto com outro profissional da área médica), psiquiatria (aplicada no tratamento de pacientes em hospitais e clínicas em conjunto com outras técnicas terapêuticas), educacional (usada para vários propósitos e em todos os níveis da educação) e corretiva (livros usados com

delinquentes por pesquisadores responsáveis da área). (CALDIN apud LIMA, 2009, p. 43).

Em todos os tipos e áreas da biblioterapia, os métodos terapêuticos são conceitualizados de acordo com a formação do profissional, segundo Almeida.

A biblioterapia é um método que consiste na dinamização e na ativação da linguagem. As palavras não são neutras. O método biblioterapêutico versa em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem. As palavras não são imparciais. (ALMEIDA, 2011).

Para Caldin (2001), “o método biblioterapêutico consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem”. Para a autora não somente a leitura é a principal fonte para o tratamento, mas a discussão é a mais importante, pois através da linguagem é que o paciente expõe seus problemas:

[...] A linguagem em movimento, o diálogo, é o fundamento da biblioterapia. O pluralismo interpretativo dos comentários aos textos deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e Ter uma visão do mundo. Entre os parceiros do diálogo há o texto, que funciona como objeto intermediário. No diálogo biblioterapêutico é o texto que abre espaço para os comentários e interpretações que propõem uma escolha de pensamento e de comportamento. Assim, as diversas interpretações permitem a existência da alteridade e a criação de novos sentidos. A biblioterapia não se confunde com a psicoterapia, posto que esta última é o encontro entre pacientes e terapeuta e a primeira se configura como o encontro entre ouvinte e leitor em que o texto desempenha papel de terapeuta. Além da literatura, os comentários, os gestos, os sorrisos, os encontros são também terapêuticos à medida que fornecessem a garantia de que não estamos sozinhos. O texto une o grupo[...]. (CALDIN, 2001).

Alguns autores comentam que utilizam a psicanálise de Freud, contudo, a biblioterapia deve utilizar a psicologia e psicanálise, pois quando se ler um livro, identifica-se com uma situação, problema e/ou personagem e durante uma seção de terapia, ou um momento de conversa em grupo, o ego é modificado com a influência do mundo externo.

Bueno; Caldin (2002) afirmam que "a biblioterapia pode ser aplicada para diferentes perfis de indivíduos na sociedade, ou seja, a biblioterapia não precisa ser aplicada somente em hospitais, clínicas, mas também em asilos, prisões, centros culturais, comunidades, escolas, centros de tratamentos, empresas e em outros locais que necessitem. Conforme Almeida (2011) “a Biblioterapia tem sido usada em prisões, asilos, hospitais, aplicadas em pessoas com problemas psicológicos, dependentes químicos e indivíduos com doenças crônicas”.

Outros autores afirmam que a existe diversos campos para a aplicação da biblioterapia, conforme Orsini, apud Bueno; Caldin (2002. p. 160) "a biblioterapia se aplica em diferentes

campos profissionais, tais como o campo da medicina geral, o campos psiquiátrico, o campo educacional e o campo emocional". Ou seja, a leitura é um meio de educação, além de educar, quando é utilizada na primeira infância auxilia na formação do caráter da criança e amadurecimento de uma pessoa na fase adulta.

A Biblioterapia é uma importante área para a sociedade. Ela auxilia no tratamento de doenças, reabilitação de dependentes químicos, autoconfiança, autoestima e até no autoconhecimento dos indivíduos envolvidos nas atividades dessa área.

Antigamente, a biblioterapia não era um campo de estudo e era aplicada de maneira improvisada. Com o tempo, foi sendo estudada e hoje está sendo consolidada em muitos locais. Nos Estados Unidos, onde é mais utilizada tem um grande campo de abrangência.

No Brasil, ainda há poucos profissionais interessados, com isso, seu campo de atuação ainda é pequeno, onde mais há aplicabilidade é em Santa Catarina com a professora de Biblioteconomia Clarice Fortkamp Caldin que já aplicou no Hospital Universitário de UFSC e com crianças enfermas. E na Paraíba com Marília Mesquita Pereira que foi a precursora da biblioterapia aqui no Brasil, ela trabalhou com essa técnica terapia na cidade de João Pessoa com deficientes visuais. Conforme Lima (2009), já houve biblioterapia coordenada por Eva M. Seitz em 2005 também no Hospital Universitário da UFSC. No Espírito Santo houve um trabalho de campo realizado por estudantes de Biblioteconomia com crianças portadoras da Síndrome de Down.

No Hospital Maternidade Interlagos, localizado em São Paulo, há um grupo de voluntários com profissionais do hospital que levam a leitura para as mulheres ali internadas. Possuem o projeto "Leia comigo", que é um projeto de incentivo a leitura, planejado e desenvolvido pela Secretaria de Saúde, Secretaria de educação e a Secretaria de Administração Penitenciária. Além deste projeto, há no hospital uma sala de leitura, que pode ser frequentada por internadas, familiares, enfermeiras e funcionários do próprio hospital e um carrinho com livros que são levados até os leitos, ou seja, uma biblioteca viva.

Em Brasília, há um projeto que tramita na Câmara dos Deputados com caráter conclusivo, que pretende fazer com que todos os hospitais da rede de Sistema Único de Saúde, o famoso SUS, passem a utilizar a biblioterapia como auxílio aos enfermos e seus familiares. De acordo com o deputado Giovani Cherini (PDT-RS), "a biblioterapia vem

crecendo a cada dia e no Brasil já tem foco maior nas regiões Sul e Nordeste e é uma técnica de terapia interdisciplinar envolvendo psicólogos, médicos e bibliotecários".

A biblioterapia é importante, pois auxilia na melhora de doenças, principalmente em hospitais, pois os pacientes ficam "presos" em macas, quartos, soros, equipamentos dificultando a saída do local, sem poderem fazer suas coisas de costume. Com isso as pessoas, além de doentes, ficam angustiadas, "isoladas", tristes e até desanimadas. A leitura faz com que a pessoa se imagine no lugar do personagem. Patte (apud PONDÉ, 1985) declara que "a leitura libera a angústia, à medida que revela e faz viver medos e desejos que uma vez expressos, são mais bem denominados".

Segundo Freud (apud CALDIN, 2002) "não se pode esquecer a finalidade terapêutica do riso, da identificação, da introjeção e da projeção". Caldin (2002) sempre usa os métodos de psicanálise de Freud, em seu estudo, a autora comenta que o Freud "atribuiu ao humor a capacidade de transformar o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer". A leitura para crianças internadas fazem com que elas possam passar por este problema, esta internação com mais ânimo, autoestima, e com a expectativa de que isso tudo passará logo e ela poderá voltar ao seu lar, voltar pra escola e voltar a fazer suas coisas de costume.

O estado emocional dos pacientes é um fator importante para a sua melhora. A literatura leva a pessoa a viajar juntamente com a história, a fazendo pensar em sua realidade e a motiva colocar em prática a moral da história em sua vida. Este é o intuito da biblioterapia, fazer com que o usuário coloque em prática as coisas boas que tirou da história para auxiliar em seu tratamento.

A biblioterapia é um meio de comunicação do mundo externo com o mundo interno. Toda a comunicação necessita de um emissor, mensagem, canal, receptor, o meio de comunicação e o feedback, que é a resposta. Assim sendo o emissor como o bibliotecário em conjunto com o terapeuta que "receita" um livro. Está receita é o meio de comunicação, o canal é o livro, a mensagem é o conteúdo do texto, o receptor é o usuário e o feedback é a comunicação do mundo interno com o mundo externo, ou seja, é expressão de seus sentimento causada pelo livro, ocasionando um auxílio na recuperação.

Para a aplicação da biblioterapia, é necessário ter um estudo prévio de onde irá aplicá-la, principalmente se for como forma de tratamento, deverá haver uma parceria entre bibliotecário que escolhe os livros, terapeutas para aplicar e dependendo do local, por

exemplo, em hospital seria viável que primeiramente um medica explicasse o diagnóstico do paciente a esses profissionais e acompanhasse também o quadro evolutivo dos pacientes com a biblioterapia. Como nem todos os livros são eficazes, dependendo biblioterapia a ser aplicada, necessita de uma seleção minuciosa e a prescrição dos livros de acordo com a necessidade informacional dos pacientes, a fim de que surta resultados positivos, como a identificação do paciente com a leitura e comentários sobre sua vida em relação a leitura.

De acordo com Egan, um dos fatores de seleções que se deve levar em consideração ao escolher um livro para biblioterapia infantil, é o que possui oposições binárias, como o bem e o mal, por exemplo, a bela e fera, pois estes elementos são como fios condutores. Egan ensina como utiliza-los,

Uma das características mais evidentes que podemos observar nas histórias infantis é o uso de oposições binárias. Os conflitos entre o bem e o mal, a coragem e a covardia, o medo e a segurança, estão sempre presentes na história. [...] Estas oposições binárias servem como critérios para a seleção e organização do conteúdo da história e constituem o fio condutor ao longo do qual a história se desenvolve. [...] O modo de começarmos (a aula ou a unidade) precisa, portanto, de ser colocado de algum modo em termos de conflito binário ou problema; e o modo como terminamos deverá resolver esse problema ou conflito, se quisermos tirar partido do extraordinário poder da história para desencadear a adesão afectiva da criança. (EGAN apud BUENO; CALDIN, 2002)

As pessoas a quem forem destinadas a biblioterapia, devem ser preparadas anteriormente, principalmente crianças hospitalizadas e tímidas, para que elas possam receber de modo positivo. Está conversa prévia pode auxiliar com as escolhas dos livros, fazendo com que o profissional identifique a necessidade informacional do paciente. De acordo com essas informações retiradas das conversas, também é possível delimitar os tipos de livros que os pacientes gostam, a fim de buscar um ótimo resultado final. Conforme Bueno; Caldin (2002), "As crianças devem ser previamente preparadas para receber e assimilar esse tipo de atividade, pois encontram-se fora de seu ambiente familiar".

É importante a aceitação, a colaboração e o acompanhamento dos pais ou responsáveis, como são eles que passam a maior parte do tempo com as crianças, sua opinião e auxílio são indispensáveis. Pais ou acompanhantes também sofrem com as crianças e também necessitam de um acompanhamento biblioterapêutico.

De acordo com Sisto (2001), quando a história é lida, é necessário que o leitor, sendo este o terapeuta que irá narrar à leitura, tenha uma preparação prévia, para que leia de modo que surta o efeito no ouvinte, ou seja, para que o ouvinte seja envolvido na história, em

mundo imaginário, onde a criatividade não tem fim. Deve-se preparar como será narrada, em qual local, o tom de voz, como as pessoas (crianças) estarão sentadas, explorar bem a leitura e levar objetos, a fim de atrair a atenção dos ouvintes.

3.2 A Biblioterapia e a Biblioteca Viva

Já utilizada em alguns hospitais, tem o objetivo de levar livros aos internados. A Biblioteca Viva geralmente é realizada por meio de carrinhos com diversos livros. O encarregado pelos carrinhos os deixa em pontos estratégicos para que o usuário possa escolher, ele mesmo, o livro que deseja ler, ou um profissional carrega o carrinho até os locais onde o enfermo está e indica um livro para o mesmo. Esta segunda opção é a junção da biblioterapia com a biblioteca viva, que é a biblioterapia como função de auxílio na recuperação dos enfermos através das leituras aos que necessitam e a biblioteca viva é parte de levar os livros por meio de carrinhos aos leitos, quartos.

Diversos hospitais utilizam a biblioteca viva, como por exemplo, o IFF, Instituto Nacional Fernando Figueira, que utiliza esta técnica desde 2001, e a Fiocruz, Fundação Oswaldo Cruz. No Hospital Maternidade Interlagos, localizado em São Paulo, também utiliza a biblioteca viva para as mulheres internadas no hospital.

A biblioteca viva também é utilizada em centros culturais, bibliotecas e até mesmo em espaços públicos com o propósito de levar a leitura para todos os cidadãos e ajudá-los a interagir e criar hábito de leitura. Realizadas por meio de carros de leitura, estantes móveis, e até mesmo paradas de ônibus com livros expostos.

3.3 A Biblioterapia e a Musicoterapia

Pode-se aplicar a biblioterapia em conjunto com outras terapias, como por exemplo, a musicoterapia.

A musicoterapia é a utilização da música e de seus elementos como ritmo, harmonia, som e melodia, a fim de buscar o reequilíbrio mental, social e até físico de pessoas. Pode ser realizado em sessões individuais bem como em grupos. Pode ser aplicada a estudantes com problemas de aprendizagem às pessoas com doenças, como câncer, deficiência mental, entre outras, além de promover a reintegração social de pessoas infratoras, como a reabilitação de indivíduos com dependências químicas. Como a biblioterapia, a musicoterapia pode ser aplicada em clínicas, escolas, centros de reabilitação, hospitais, empresas, entre outros.

Para Rockenbach (2006), "[...] a literatura infantil e a musicoterapia podem contribuir, de modo significativo, para a melhoria do estado de ânimo das crianças hospitalizadas, através das sessões de musicoterapia e contos de histórias".

A musicoterapia também necessita do auxílio de um terapeuta com um trabalho conjunto com um músico, Karst explica em seu artigo que a prática pode promover o alívio emocional a quem se destina a aplicação.

A música é considerada um instrumento para a auto expressão emocional e uma forma de liberação, através do não-verbal, de conteúdos do inconsciente. Com a ajuda de um terapeuta, a pessoa pode utilizar a música como um canal expressivo para descarregar a pressão de emoções dolorosas. (KARST, 2004)

Assim como a biblioterapia, a musicologia deve ser absorvida pelo ego para que a pessoa expresse seus sentimentos, a fim de que o tratamento aconteça, fazendo com que o indivíduo sinta alívio emocional. Ambos os métodos são meios de "comunicação" entre o mundo exterior com o mundo interior da pessoa, pois eles provocam a expressão dos seus sentimentos, por meio da fala, de gestos, do choro, do sorriso entre outros.

Existem relações entre o modo psicanalítico e o modo musical de apreensão e penetração na realidade psíquica, que trata-se dos desejos inconscientes, fantasias conexas as quais, para o sujeito, assumem valor de realidade em seu psiquismo. Para que haja a apreensão do real, é necessário que ocorra uma penetração sensorial. (KARTS, 2004)

Para concluir, tanto a biblioterapia como a musicologia são importantes para pessoas com problemas emocionais, como por exemplo, para as pessoas hospitalizadas, pois ambos os métodos buscam aliviar as tensões, dores, tristeza e desconforto sofridas pelos mesmos e buscam arrancar sorrisos.

3.4 O Bibliotecário e a Biblioterapia

A biblioterapia é uma atividade que precisa do livro ou de outros materiais informativos, bem como necessita de um bibliotecário para lidar com os mesmos. Hasse (apud GUEDES; BAPTISTA, 2013) afirma que o bibliotecário é inapto para aplicar a biblioterapia, pois necessita de uma capacitação a mais do que é exigida pelo curso de Biblioteconomia.

Como já foi citada a cima, o bibliotecário pode exercer a função de biblioterapeuta se tiver uma formação complementar. De acordo com Caldin (2010) o bibliotecário somente com a formação exigida pelo curso de Biblioteconomia pode aplicar a biblioterapia, fazendo somente a seleção dos livros a serem utilizados, mas não poderá ser o biblioterapeuta, sendo necessário trabalhar em conjunto com profissionais de outras áreas, principalmente com psicólogos. Pinto complementa essa afirmação inicial,

A Biblioterapia é uma área de atuação para o bibliotecário, porém a sua prática necessita de conhecimentos do terreno da psicoterapia; portanto essa vivência deveria ser implementada conjuntamente com psicólogos, terapeutas e outros profissionais desse ramo. É interessante que, nas discussões travadas no âmbito dos cursos de Biblioteconomia, em virtude da implantação dos seus projetos políticos pedagógicos, a Biblioterapia como lócus de ação do profissional de informação (bibliotecário) também seja contemplada, de maneira a oferecer oportunidades aos que buscam conhecimentos sobre esta disciplina. (PINTO, 2005).

O profissional biblioterapeuta consegue distinguir o grau do medo, do stress, da angústia e/ou outros sentimentos em que o usuário está passando e consegue no final analisar se houve uma melhora ou não. Em uma obra de Fontenele apud Guedes; Baptista afirma que.

Através da Biblioterapia, pode-se constatar o nível emocional, social e cultural de cada paciente bem como o seu grau de depressão e ansiedade, sua própria reação à (sic.) sugestão de leitura e alusão a outros livros ou histórias podem trazer informações importantes. (FONTENELE, apud GUEDES; BAPTISTA, 2013).

O bibliotecário que pretende aplicar a biblioterapia pode usar de seus conhecimentos para as atividades relacionadas à Biblioteconomia. Essas atividades são as de seleção, aquisição, classificação, organização, manutenção, restauração, sugestão de livros para os usuários e até de abertura de uma biblioteca local. Segundo Pereira (1996) o profissional bibliotecário deve trabalhar em conjunto com outros profissionais e os livros devem ficar sobre sua supervisão, além da distribuição dos mesmos e avaliação das atividades.

Enfim, o profissional de Biblioteconomia é tão importante para tal atividade como os profissionais de outras áreas relacionadas. Na biblioterapia o bibliotecário tem seu papel social parecido com o papel na Ciência da Informação, pois em ambos o bibliotecário é o mediador da informação. O mediador da informação deve transmitir o seu conhecimento adquirido a quem necessita de informação. Nessa atividade o mediador deve selecionar livros, acompanhar o processo de leitura, podendo até a provocar uma discussão sobre o assunto tratado no mesmo, espalhando conhecimento e contribuindo para uma inclusão social. O bibliotecário deve exercer seu papel social na biblioterapia, bem como na Ciência da Informação.

Para finalizar sobre o papel do biblioterapeuta, Cristhiane Lima define em seu artigo que,

O condutor da leitura (biblioterapeuta) deve estar familiarizado com a literatura que deseja usar e ter consciência da extensão e complexidade do texto. O texto deve ser aplicado ao problema que o paciente está enfrentando. Em poucas palavras, a habilidade de leitura do paciente deve ser conhecida pelo condutor da leitura, assim como sua idade emocional e cronológica. (LIMA, 2009, p. 48).

Concluindo, o biblioterapeuta deve ter uma formação complementar em psicologia que o permita lidar com segurança e eficácia com pacientes problemáticos, identificando sua idade emocional, mental e cronológica.

4 METODOLOGIA

O presente estudo é composto por cinco partes: revisão de literatura como primeira parte, que por sua vez é dividida em quatro subpartes, na qual a primeira subparte é uma revisão de literatura sobre a biblioterapia, a segunda é uma exposição de como a biblioterapia e a biblioteca viva podem ser utilizadas como um conjunto no tratamento, a terceira subparte é a biblioterapia e a musicologia demonstrando que uma pode ser complemento da outra no tratamento e a quarta e última subparte é sobre o papel do bibliotecário na biblioterapia.

A segunda parte está voltada para a metodologia utilizada neste estudo.

A terceira parte será o estudo de caso que por sua vez é dividido em duas subpartes: a primeira é descrição de como fica o estado emocional de uma criança internada em um hospital a segunda subparte é a importância da biblioterapia para as crianças internadas na Unidade de Tratamento Intensiva Neonatal (UTIN), Unidade de Tratamento Intensiva Pediátrica (UTIP) e Ala Pediátrica em um hospital.

A quarta parte é a proposta de serviço de biblioterapia a ser oferecida a hospitais. Esta parte está dividida em duas subpartes: sendo a primeira uma breve apresentação sobre o que um hospital necessita para implantar a biblioterapia e a segunda é a proposta em si.

A quinta parte é uma breve análise de contos que podem ser utilizados na biblioterapia. Esta parte está sendo dividida em quatro subpartes, que são os quatro contos selecionados: A casa sonolenta, A lebre e a tartaruga, O soldadinho de Chumbo e o Seu feliz.

Para a elaboração da revisão de literatura foram efetuadas pesquisas em páginas da internet que tratavam de assuntos que poderiam ser utilizados, além de artigos de periódicos. Diversos livros foram pesquisados, mas somente dois foram utilizados, um de Freud e outro da Caldin, pois para esta área selecionada, os artigos de periódicos são mais atualizados e possuem maior volume de publicações. Os temas procurados na revisão de literatura relatavam sobre a biblioterapia, livros indicados para tratamento infantis, leitura como forma de tratamento, catarse, elaboração de projeto de pesquisa, bibliotecas hospitalares, leituras terapêuticas, psicanálises incluindo Freud, contos infantis, entre outros que foram surgindo para dar complemento ao estudo.

O estudo de caso está relacionado ao estado emocional de uma criança internada, assim como a importância da biblioterapia para crianças internadas tanto em UTI Neonatal, UTI Pediátrica e na Ala Pediátrica, com diversos sintomas, diagnósticos, emoções e sentimentos.

Segundo Baptista e Cunha (2007) são utilizados frequentemente três tipos de metodologia que seriam o método de entrevista, observação e questionários. A metodologia de questionário é utilizada na pesquisa quantitativa, neste tipo de pesquisa utiliza-se técnica estatística para coleta e tratamento de dados. Seu uso tem como objetivo maior precisão na análise e interpretação dos resultados além do aumento da confiabilidade e diminuição da margem de erro. Já a entrevista faz parte da abordagem qualitativa que foca sua atenção nas causas dos usuários da informação e a resolução do problema informacional.

Segundo Baptista e Cunha (2007) depois do questionário o método mais utilizado é a entrevista que pode ser não estruturada, semi-estruturada ou estruturada. A Observação é o método pelo qual o pesquisador capta a realidade, e pode ser espontânea não estruturada, observação sistêmica ou observação participante não sistêmica.

A metodologia escolhida está baseada no método de observação a ser realizada em setores de internações infantis de um hospital, a fim de analisar estado emocional da criança, sua rotina temporária para ter certeza que a biblioterapia será válida nesses setores.

5 ESTUDO DE CASO

5.1 Como fica o estado emocional das crianças internadas em hospitais

Estar hospitalizado é uma questão delicada para todo o ser humano, especialmente para uma criança, o que os torna bastante frágil, já que ocorre uma mudança na rotina de vida dos pequeninos e de sua família. Eles estão em um lugar diferente, afastados de sua casa, de sua escola, do convívio da rua e, muitas vezes, estão ligados a máquinas e soros. Esse processo é doloroso e acaba sendo estressante para um adulto, quanto mais para uma criança. Nessa situação, diversas interrogações passam pela sua cabeça, que as deixam confusas, como por exemplo, perguntas sobre o porquê estar ali com tantos incômodos, dores, se ela ira melhorar, quando voltará para o conforto do seu mundo pessoal.

Quando hospitalizadas as crianças passam por momentos de dor, medo, estresse, tensão e necessitam de um local para apaziguar seus sentimentos e distraí-las, principalmente porque elas precisam brincar, muitas vezes, mesmo doentes as crianças tem força para brincar, essencialmente, força de vontade, já que isso faz parte de sua ocupação habitual.

Um local onde as crianças podem brincar a vontade, uma visita de palhaços que acontece em hospitais e uma biblioterapia adequada fazem com que os pequenos expressem os seus sentimentos ruins pelo imaginário, fazendo assim a apaziguação dos sentimentos e o auxílio para passar por este momento doloroso e difícil.

Esses três elementos citados acima são de suma importância para o alívio das dores emocionais, porém, um acompanhamento psicológico durante a internação para diminuir o sofrimento psíquico, principalmente se ela estiver internada em uma UTI e/ou em isolamento, é de suma importância para que as crianças não fiquem traumatizadas.

Como o emocional da criança fica bastante abalado, o que a deixa insegura, triste, angustiada, ansiosa, etc, sugere-se a biblioterapia para fazer com que está solte a imaginação, a criatividade, a fim de que venha a sorrir, pois um sorriso pode transformar a dor em prazer.

5.2 A importância da biblioterapia na UTI Neonatal, na UTI Pediátrica e na Ala Pediátrica

Na UTIN a biblioterapia seria voltado para os pais dos bebês que necessitaram de ficar internados na UTI desde o nascimento, pois estes pais já estavam ansiosos com a chegada de seu filho e, infelizmente, esse pequeno teve que receber atendimento emergencial para continuar a viver. Com uma notícia dessas, os pais ficam muito abalados, desorientados e, apesar do amor e da fé, sofrem com medo de que seu recém-nascido não sobreviva. A biblioterapia teria o papel de acalantar e dar esperança a esses pais. Alguns livros que tratam de morte podem ser úteis nesse caso, pois alguns bebês já nascem com doença incurável, como por exemplo, um bebê que o médico durante uma ultrassonografia avisa aos pais que esse pequeno tem uma doença e que assim que cortar o cordão umbilical ele morrerá. Os pais ao saírem do consultório já estão abalados e ficam ainda mais preocupados quando o parto tem que ser adiantado. Ao cortar o cordão umbilical, o bebê, para a surpresa de todos, continua vivo. Então ele é transferido para a UTIN onde recebe os cuidados iniciais e seus pais ficam felizes, mas ao mesmo tempo, angustiados, pois o bebê continua com essa doença incurável e tem pouco tempo de vida. O profissional indica um livro que fala sobre o lado "bom" da morte, que dá a ideia de que a morte livra de um sofrimento maior, já que o bebê tem uma doença incurável, e sua sobrevivência só traria mais sofrimento para o bebê, dado a realização de exames e aplicações de medicamentos. Através desta leitura, os pais podem se sentir mais seguro já que o seu filho será um intercessor e que estará em um lugar melhor, sem sofrimentos.

A biblioterapia também poderia ser aplicada com o intuito de que os pais lessem um livro para o seu bebê internado, pois já o habituará à leitura e o auxiliaria na recuperação, pois a presença dos pais é fundamental para uma recuperação mais rápida e eficaz, ainda mais se os pais estiverem presentes e lendo para que o filho possa escutar sua voz e ter certeza que ele não está sozinho, o que o faz se sentir mais seguro.

Nesse setor a biblioterapia é importante, pois auxilia tanto os pais a lidarem com a morte de um filho recém-nascido ou com sua internação por tempo indeterminado, quanto aos bebês, que com a presença e o som da voz de seus pais, sentem-se mais seguros, mais confiantes, mais fortes além de proporcionar em uma melhora mais rápida.

Na UTIP, são crianças com mais risco de vida, as que já entendem ficam assustadas por estarem na UTI e um tanto apavoradas, principalmente por não saberem se ficarão por muito tempo nesse local. Algumas não podem sair do quarto, pois estão em isolamentos. Outras podem estar entubadas e/ou ligadas a vários aparelhos, como por exemplo, o de frequência cardíaca, dificultando a locomoção da criança. O profissional pode indicar livros para distração, com muitas figuras e histórias engraçadas a fim de fazerem com que a criança

se distraia e venha sorrir, o que promove a catarse, fazendo assim com que se transforme o sofrimento em alegria.

Contos com princesas que dormem e no fim são acordados por um príncipe também podem ser usadas, a fim de mostrar que elas estão no momento do sono, pois estão debilitadas, mas o médico aos poucos está fazendo com que ela volte a sua rotina normal.

Nesse setor a biblioterapia é importante, pois também pode auxiliar os pais a lidarem com a o local de internação, que pelo nome já espanta, bem como a lidar com a doença filho. Para as crianças é bem mais importante, pois eles vão se distrair com a história, além de viajar pelo seu mundo lúdico.

Na Ala Pediátrica, as crianças podem estar com alguma doença muito grave e precisou ser internada para ser tratada ou até estão se recuperando de uma cirurgia, ou de uma estada na UTI. Normalmente as crianças ficam internadas de quatro a sete dias, algumas podem ficar por mais tempo.

Nessa Ala as crianças ficam, inicialmente, ligadas a soros, algumas ficam respirando até pela bomba de oxigênio, outras não conseguem se levantar da cama. A biblioterapia é importante, pois as crianças sentem falta de brincar, conversar com seus amigos, ir pra rua, pra escola. A Leitura irá ajudá-las a suportar a internação, a criar um mundo imaginário e a viajar com a história.

Nessa Ala a psicóloga deve visitar os pacientes mais vezes por dia, podendo acompanhar melhor os resultados da biblioterapia e ir explorando as histórias e os sentimentos da criança a fim de haver a catarse. Pode-se fazer uma roda de leitura, onde o profissional faz a leitura e em seguida a ambientação dos personagens e dos acontecimentos com as crianças, fazendo-as falarem e assim expressarem seus sentimentos.

A indicação da biblioterapia para crianças internadas está relatada por Ratton apud Bueno; Caldin, 2002, "a biblioterapia é indicada, sobretudo para crianças que necessitam permanecer afastadas de seu ambiente familiar - em creches e hospitais" e sua importância de sua aplicação com crianças em hospitais são relatadas nesse mesmo artigo,

O desconforto presente nestes casos pode ser aliviado com as sessões de leitura e atividade auxiliares. A criança, estimulada pela novidade, acabará viajando num mundo de fantasias e aventuras, cuja ferramenta-chave é o livro. (BUENO; CALDIN, 2002. p. 159).

A biblioterapia com crianças internadas tem o objetivo de facilitar a conversa e convivência entre médico e pacientes, diminuir as inseguranças, as tensões que ocorrem no ambiente hospitalar, sofrimentos, dores, reações, limitações, principalmente por estarem

ligadas a parelhos, angustias, ansiedade de sair logo do hospital, stresses, incertezas, frustrações, fazendo com que o paciente entenda melhor esses conflitos e sentimentos. Além de ser um método que auxilia no aumento da autoconfiança, autoestima, estimula a imaginação e a criatividade das crianças, além de diminuir sua timidez, fazendo com que facilite sua socialização com a participação em grupos de leitura e fazendo com que elas se identifiquem com algum personagem ou momento da história, a fim de haver a introjeção, introspecção e catarse, principalmente em criança que estejam na idade escolar.

Uma das principais funções é o auxílio na adaptação das crianças no ambiente hospitalar, a criança pode criar um mundo independente de seu cotidiano. Auxilia também os pais ou acompanhantes, pois eles sofrem junto com as crianças internadas, ficam tensos, estressados, ansiosos, inseguros.

6 PROPOSTA DE SERVIÇOS

6.1 O Hospital e a Biblioterapia

Os hospitais, normalmente, possuem um atendimento humanizado, ou seja, um local onde o dever humano ultrapassa o dever da classe profissional, onde os médicos dão mais valor ao ser humano. Para Seitz (2008) "a humanização, no contexto interdisciplinar, presume um ambiente de cuidado humano, estabelecendo-se um dever humano e não apenas um dever exclusivo de uma classe profissional". A humanização é importante para uma melhor recuperação, assim como a biblioterapia, pois é um acompanhamento humanizado.

Um hospital humanizado é mais confiante e respeitado tanto para um paciente como para o profissional, pois valoriza e respeita o ser humano e suas emoções.

É interessante e necessário que em todas as alas de um hospital sejam possível que fique um acompanhante em horário ininterrupto, para melhor recuperação de seus pacientes, além de um acompanhamento psicológico.

Para a aplicação da biblioterapia, é necessário que o hospital contenha um psicólogo para acompanhar os procedimentos realizados, além de auxiliar nas escolhas de livros. Para melhor resultado, o hospital deve ser humanizado. A biblioterapia, não necessita de um local separado, pode ser aplicado nos leitos, melhor se houver um local lúdico, como uma brinquedoteca, para fazer com as crianças viagem em um mundo imaginário, criativo e se divirtam. Seitz discorre sobre esta questão em seu artigo.

[...] os pacientes consideram que a prática biblioterapêutica contribui muito com a Humanização da Assistência Hospitalar por não terem de sair do leito para realizar tal atividade e, também, pelo fato de que, mesmo sozinhos com a leitura, eles se sentem acompanhados, uma vez que, quando se lê, se dialoga com o livro. (SEITZ, 2008, p. 164).

6.2 A Proposta de Serviços

Como se trata de um estudo que visa utilizar terapia por meio dos livros e está direcionada para o público infantil hospitalizado, podemos usar a catarse apresentado por Aristóteles, que tem o intuito de gerar um alívio emocional, havendo assim a purificação da alma. A catarse no âmbito da psicologia, a qual se usa em biblioterapia, é a busca pela liberdade emocional em relação a uma situação que esteja vivendo, que pode ser uma situação de dor pela doença, de angústia por estar conectado ao soro ou mesmo de aflição por está em

um hospital e não em casa. Esta catarse tem a finalidade de produzir diversas emoções no público alvo a fim de acalma-las e alegria-las. Conforme Caldin (2004) a "catarse aristotélica é a justa medida dos sentimentos, que conduz ao equilíbrio necessário à mente infantil".

Os resultados esperados são que a criança a qual destinaremos a leitura se identifique com um dos personagens do livro, ou com situações que este passa a fim de haver os principais componentes para uma terapia, que são a projeção, introjeção e introspecção, além da catarse como já citada e do humor, pois ele pode transformar a dor em prazer através do sorriso, como o desânimo ou infelicidade em alegria também através do riso. A projeção seria o sentimento que está dentro do paciente, em seu ego, fosse impelido para fora, expressado de dentro para fora. A introjeção é a infiltração de alguns pontos positivos pelo ego, está absolvição é do exterior para o inferior. E a introspecção é o mundo imaginário da literatura fazendo parte do mundo real, ou seja, é a reflexão. Lima (2009) traduz esses três componentes como níveis fundamentais da leitura, que seriam 1) nível sensorial, traduzido pelo primeiro contato com o texto ou situação, 2) nível emocional, o qual traz a interpretação subjetiva do nível sensorial, 3) nível racional, que seria a procura por uma interpretação correta, além da objetividade concreta do texto em leitura.

Freud (1996, p. 38) descreve que "o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste". Conforme a figura a seguir, poderá-se ver que o ego é modificado facilmente com influencia do mundo externo, na biblioterapia, usa-se a projeção a fim de que o ego absolva certos objetos ao longo da leitura para auxiliem na sua recuperação.

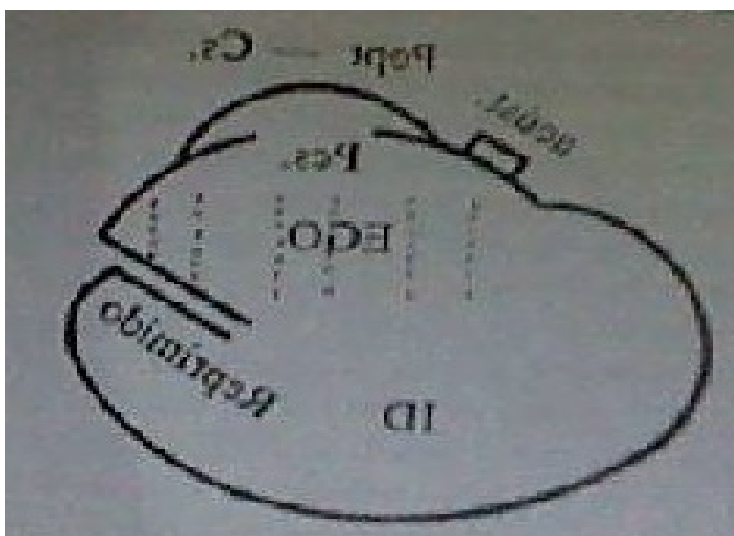


Figura 1: Diagrama do ego e id . Fonte: FREUD 1996.

Caldin em um de seus artigos explica que:

Na psique infantil o imaginário e a fantasia podem ser liberados pelo contato literário (escrita, audição ou leitura), pois são constitutivos da atividade criadora da criança sobre a realidade. Existe, portanto, um caminho para chegar ao prazer estético, que na criança passa pela influência do literário, da brincadeira, dos jogos em seu imaginário, em sua fantasia, mas que se manifesta como atuação no mundo, como linguagem. (CALDIN, 2004)

A linguagem age de qualquer forma e maneira, não necessita que as pessoas sejam da mesma cultura para que a linguagem aja fazendo com que a pessoa expresse seus sentimentos. De acordo com Caldin (2011, p. 28), "a linguagem possui o seu próprio sentido, que se manifesta ora pelas representações conceituais, ora pelas expressões emocionais, atreladas ao contexto cultural do sujeito" e completa que "não basta pertencer à mesma cultura para os sujeitos expressarem, da mesma forma, seus anseios ou emoções".

Como algumas crianças ainda não sabem ler, ou não tem o hábitos da leitura, preferiu-se selecionar livros que contenha mais figuras, mais fáceis de ler e que auxiliem de alguma forma no tratamento. A biblioterapia para os pequenos deve ser dinâmica, a fim de criar um mundo imaginações fazendo com que ela esqueça um pouco o sofrimento de estar em um hospital.

Antes da sessão de leitura, deve-se ter uma conversa informal com as crianças, pais ou acompanhantes, com o objetivo de gerar um clima envolvente entre eles e o profissional. A leitura seria com as crianças em grupo de leitura, em um local lúdico e terapêutico, a fim de facilitar a criatividade e imaginação dos pequenos. Leituras diárias, principalmente porque algumas crianças ficam poucos dias internados, pode-se haver teatrinho com as histórias, músicas, dinâmicas, brincadeiras, com o objetivo de envolver as crianças com a história do conto.

Os livros poderiam estar uma prateleira na Ala Pediátrica, onde o usuário que pegasse o livro e fosse sair com ele, anotasse o nome do enfermo, o número do quarto, o código do livro que ficaria na folha de rosto e a data de empréstimo em uma folha denominada "empréstimo", e assim que devolvesse colocaria a data de devolução. Mas como o intuito é ter o acompanhamento com a psicóloga da ala, os livros primeiramente seriam distribuídos por ela, conforme a necessidade do paciente.

Em alguns dias, a biblioterapia pode ser feita por meio de círculos, um método terapêutico, neles não requerem leituras prévias efetuadas pelos usuários, mas os trechos que serão lidos no momento do círculo devem ser escolhidos com antecedência. O que importa neste meio é o que o leitor sentiu ao ouvir ou ler o trecho selecionado, sua reação, de qual modo ele foi atingido pelo trecho. Estes círculos são utilizados com mais frequência com

adultos e em asilos, centros culturais, ou seja, em outros locais que não exigem uma biblioterapia clínica.

A proposta de serviços é uma proposta voltada à implementação da biblioterapia em hospital a fim de otimizar a humanização e torna-lo mais completo. Os serviços seriam os de um bibliotecário em conjunto com a psicóloga do local, ou seja, serviços de seleção, aquisição, reposição, ornamentação, indicação de livros para as crianças com os serviços da psicóloga, identificar, provocar a catarse, entre outros.

7 ANÁLISE DE CONTOS SUGERIDOS

Os livros sugeridos são contos infantis, bem ilustrados, coloridos e com diversas figuras para realizar um perfeito contato com o mundo imaginário. A maioria dos livros é da coleção "Meus Clássicos Favoritos" da editora Cedec. Entre os livros desta coleção seleciona-se: O Soldadinho de Chumbo, A Lebre e a Tartaruga. Os seguintes contos, foram retirados de um artigo da Caldin (2004), pois possuem finalidade terapêutica voltada à criança: A casa sonolenta e Seu Feliz.

7.1 A casa sonolenta

Obra de Audrey Wood, a história inicia com uma casa com janelas fechadas e muita chuva. Os personagens da história que são um menino, a avó e os animais de estimação, um cachorro, um gato e um rato estão dormindo em um quarto. Apenas a pulga está acordada e ao picar o rato, ocorre uma série de acontecimentos que fazem com que todos da casa acordem.

A biblioterapia pode ser realizada a partir de uma exploração da história, onde a criança pode se identificar com a casa, pois ela está sonolenta e limitada por causa de sua situação e medicamentos, que a fazem dormir e passar a maior parte do dia na cama.

Pode relacionar as furadas do soro, os exames com a picada da pulga, onde faz com que todos acordem, ou seja, essa picada é dolorosa, mas irá fazer com que a criança melhore e volte a ser mais ativa.

A exploração da história pode levar a criança a ter certeza que seu estado de sonolência é passageiro, e quando ela melhorar será igual ao menino que quando acordou ficou feliz.

7.2 A Lebre e a Tartaruga

Uma história de Esopo com adaptações de Christiane Araújo Angelotti, que relata uma competição de uma lebre corredora e uma tartaruga lenta. A história tem um lado cômico, por este motivo pode haver riso durante a leitura, que é uma forma de terapia, a qual pode transformar dor em prazer.

Na narração a lebre se sentia superior à tartaruga e sempre zombava dela, falava que ela era lerda. Até que um dia a tartaruga se cansou dessas brincadeiras da lebre e a convidou para uma corrida, a lebre topou. Começaram a correr a lebre em alta velocidade como sempre e a tartaruga na sua lentidão, mas com passos certos e sem parar. Como a lebre teve certeza que estava muito à frente da tartaruga, resolveu cochilar. Neste momento a tartaruga a passou. Quando a lebre acordou, já era tarde, a tartaruga estava cruzando a chegada.

Nesta história, a criança pode se identificar com a lerdeza da tartaruga, pois como ela está conectada a soro, tem seus movimentos "controlados", ou melhor, a criança está limitada, impossibilitada de correr, de ter sua vida normal, e alguns remédios podem deixá-la com sonolência, por esses motivos, dos quais, a criança pode estar sentindo-se mais lenta, passando a fazer as coisas mais devagar e com cuidado para o soro não sair. A criança pode estar chateada principalmente pode estar estressada por não poder correr, viver o dia a dia, como está acostumada. Porém devagar se vai longe. Pode continuar brincando no ambiente hospitalar, mas com cuidado sem perder a alegria.

7.3 O Soldadinho de Chumbo

Uma história criada por Hans Christian Andersen. Apesar de ser uma história com final triste, ela abre um leque de possibilidades para explorá-la na biblioterapia, pois se pode trabalhar com crianças deficientes físicas, enfatizando que a criança não se deve deixar ser levada pela deficiência, que isso é apenas algo diferente e que não precisa sentir-se envergonhada, pois as pessoas gostaram dela da mesma maneira. O soldadinho de chumbo teve oportunidades de ir ao encontro da bailarina, mas ele tinha vergonha, pois era pernetinha.

Podem-se comparar os problemas que o soldadinho passou ao cair da janela e que no final voltou ao seu ponto de partida, com os problemas que essa criança está passando no momento, e que no final tudo sairá bem. Pode-se comparar a escuridão do bueiro, com o medo e a tensão que ela está sentindo por estar hospitalizada. E outra moral que podemos extrair da história é aquela em que o amor supera todos os obstáculos, e no hospital a criança está acompanhada de um parente querido, de uma pessoa que a ama.

Com essa bela história, as palavras de Bettelheim se fazem verdade, pois para o autor "a confiança de que apesar das tribulações, ela obterá vitória sobre as forças do mal" (BETTELHEIM, 1980).

7.4 Seu Feliz

Livro do escritor Roger Hargreaves, traz uma narrativa bem dialogada e pequena, com uma página de desenho e a outra história. Trata-se de uma história que possui uma árvore e esta é uma passagem de um mundo feliz, ensolarado onde mora o Seu feliz para um mundo subterrâneo, onde prevalece sem motivos à tristeza, neste mundo mora o Seu infeliz. Este portal tem a porta de cores diferenciadas, o lado de onde mora o Seu feliz a cor da porta é amarela e a o lado da porta do mundo do Seu infeliz, a cor é vermelha. O escritor Bojunga (1997) explica em sua obra o significado das cores com relação ao estado emocional de uma pessoa, a cor vermelha tem o significado de “uma cor complicada”, cor que representa dor, tristeza. O Seu feliz, é uma personagem representado por uma bola com pés e braços, e sua cor é amarela, Bonjunga explica que esta “é uma cor contente”, uma cor de alegria, de felicidade.

Nesta história, a biblioterapia pode ser aplicada, fazendo com que a criança se identifique com o Seu infeliz, pois está em um lugar, de solidão, tristeza, escuridão, sem poder ir brincar na rua, sem poder ir à escola, longe de casa. Mas quando sair, ou seja, passar pela passagem, saíra do mundo triste para o mundo feliz, ou seja, a criança tem a esperança de que saíra logo do hospital.

8 PESQUISA

8.1 A Pesquisa

A metodologia realizada na pesquisa foi o método de observação, realizada no primeiro semestre de 2013, em que se pode observar o período de internação de uma criança de dois anos e oito meses com o diagnóstico de meningite bacteriana, bem como a rotina de seus pais e acompanhantes. O trabalho desenvolvido teve a duração de quinze dias, dos quais os nove dias iniciais a criança esteve internada na UTI Pediátrica e seis últimos dias na Ala Pediátrica.

8.2 Durante período da internação

A criança chegou ao hospital às três horas da madrugada do dia onze de janeiro de 2013, com sintomas de vômito, dor de cabeça e febre. Foi examinada e a princípio detectou-se apenas um problema viral, mas ficou de observação e tomando soro para não desidratar. Depois de quatro horas, a médica examinou novamente e como a criança estava indisposta preferiu continuar de observação. Houve a troca de plantão, quando o outro médico foi examina-la por volta das nove horas da manhã, percebeu que seu pescoço havia endurecido, daí já comunicou ao pai a possibilidade de ser uma meningite, e faria a punção para confirmar. Por volta das dez horas, fez duas tentativas de punção sem êxito. O pai e a avó do lado de fora da sala, só ouvia os gritos e o desespero da criança na hora da punção. Eles ficaram desesperados. Como não conseguiu fazer o exame, o médico preferiu entrar logo com o medicamento (antes que piorasse), transferiu-a para um quarto de isolamento e avisou que tentaria nova punção mais tarde. Por volta do meio dia, a criança começou a usar o medicamento, que era antibiótico venal, levou a criança a passar novamente pela tensão, dor de ser segurada e furada. Às quatorze horas foi transferida para a UTI Pediátrica, onde entrou em procedimento para colocar aparelhos, o acesso na jugular e a sonda. Mais uma vez a criança passou pela tensão, dor e stress de ser furada e pelo incômodo do acesso na mão do soro que colocaram quando ela estava na observação, na jugular e da sonda.

Em pouco tempo a criança passou por muita tensão e dor, mas no momento ainda estava prostrada e chorosa. Muito sofrimento para a criança e seus familiares que estavam transtornados com a notícia da doença. À noite, já na UTIP resolveram fazer uma nova tentativa de punção, mas antes os médicos confirmaram que era meningite, pois teria

começado a aparecer sequelas, o seu lado direito do rosto estava paralisado. Ao receber esta notícia, sua mãe que estava grávida de sete meses ficou desesperada, assim como todos os familiares presentes no hospital, e os demais. Novamente não conseguiram realizar a punção.

A avó que já estava em crise nervosa de tosse, passou a primeira noite com a criança na UTIP. Na manhã seguinte, fizeram nova tentativa de punção com o auxílio de um neurocirurgião e com a criança sedada. Dessa vez teve êxito na punção. Todos estavam da família e amigos estavam preocupados com a situação.

Como a criança não estava comendo, ficou sendo hidratada pelo soro. Estava prostrada na cama, com febre, sem poder sair do quarto por estar no isolamento, só poderia ficar com um acompanhante por tempo interrupto e receber um visitante por uma hora. A cada dia a criança só queria o colo da mãe. Por volta do meio dia, começou a pedir suco de uva, o seu favorito, mas os médicos protelaram, depois de muito pedido e choro, foi liberado um copo de suco à tarde. No começo a criança ficou nervosa, estressada porque seu lado direito do rosto estava paralisado e dificultava a ingestão.

No terceiro dia, a criança já estava mais ativa, podia comer sopa, mas estava e estressada e agoniada por não poder sair do quarto, por não poder brincar, por estar só sentada ou deitada assistindo televisão e ligada aos aparelhos. A UTIP é um local que gerar muitos desconfortos, muitas tensões, pois de três em três horas um técnico em enfermagem tem que ir aferir seus sinais vitais e, três vezes ao dia, o médico ia examiná-la. Na tarde do terceiro dia, a criança já estava muito nervosa, por nem poder ir ao chão, estando o dia todo no colo, ou melhor, sobre a barriga da mãe, chorando, gritando, estressado por estar em um quarto pequeno, quente, sem nada para fazer a não ser assistir televisão. Foi seu pior dia durante a internação, descontrolava-se e gritava na hora de ser examinada, na hora do banho, na hora de aferir a pressão.

A partir do terceiro dia, a criança saiu do isolamento, ou seja, a criança com a presença de um fisioterapeuta podia sair do quarto e ir até a brinquedoteca do local, onde ficava “livre” para brincar, lógico que ainda estava ligada ao soro com todos os cuidados habituais. Começou a se distrair, passou a cooperar mais com as Técnicas de Enfermagem, ficou mais calma e na cama na hora dos exames, da visita médica. Estava comendo bem, apesar da paralisia, tomando a mamadeira ainda com dificuldade, mas com o auxílio da fonoaudióloga, com a troca do bico, aos poucos seus pais e acompanhantes foram adaptando o modo de colocar a mamadeira em sua boca para facilitar a mamada.

A criança passou por outro momento de muito stress na noite do quinto dia, pois teria que ficar de jejum para fazer um exame com sedação. Naquela noite, acordou e queria

mamadeira, queria ir à brinquedoteca, por sorte seus pais haviam levado livros e leram para ela, durante esta terrível noite com o intuito de distraí-la. Na manhã do sexto dia, pedia comida, mas ainda estava de jejum. Como ocorreu um problema, não estavam conseguindo vaga para fazer o exame, a criança ficou até às dezesseis horas do sexto dia sem se alimentar, estava muito nervosa. Com o resultado desse exame, descobriu-se a causa da meningite bacteriana, causada por uma otite no ouvido médio direito, o que levaria a criança a passar por uma intervenção cirúrgica para a colocação de um carretel no ouvido. Como ela não sabia o que estava acontecendo, ficou tranquila. Mas para os pais e familiares que pesquisaram sobre a cirurgia, mais uma preocupação, uma tensão.

Os dias seguintes foram tranquilos, a criança podia ir à brinquedoteca quando a fisioterapeuta estava disponível. Podia levar seus brinquedos pessoais para o quarto, como bonecas, notebook, entre outros.

Como o convênio demorou a autorizar a cirurgia, a criança, no décimo dia, foi transferida para a Ala Pediátrica, onde ficaria mais quatro dias internadas, até completar os quatorze dias de antibiótico. A criança já estava bem, estava ligada somente no soro e antibiótico, estava mais alegre, pois poderia receber várias visitas durante o dia, principalmente dos primos, era um ambiente maior onde poderia ficar à vontade, podia andar nos corredores, correr, brincar, comer de tudo. Estava bem mais disposta, não reclamava na hora de fazer fisioterapia e ao ser examinada. Fazia acompanhamento psicológico.

No décimo segundo dia, a cirurgia foi autorizada, mas como a criança estava com a saúde estável, o médico preferiu fazer alguns exames antes. A criança já estava adaptada com sua nova rotina, não queria ficar somente no colo da mãe, como no início. Nesse dia a criança passou pela tensão da troca de curativo do acesso, precisou de três pessoas para segurá-la.

No décimo quinto dia, pela manhã, recebeu alta, neste momento passou por outra tensão, que foi a de tirar o acesso da jugular. Foi preciso cinco pessoas para segurá-la, pois se debatia e gritava muito. Contudo, na hora de ir embora, a criança queria ficar no hospital, pois apesar das tensões e dores, era bem tratada e havia um serviço de humanização.

8.3 Análise da pesquisa

Com o método de observação, obteve-se o resultado de que a biblioterapia é importante e necessária, tanto para a UTIP quanto para a Ala Pediátrica, porque auxilia no alívio de tensões sofridas pela criança, pais ou familiares, além da distração. A biblioterapia

dever ser aplicada principalmente em casos em que o paciente está em isolamento, fazendo com que haja a diminuição do stress e do nervosismo por estar em um ambiente hospitalar, sem poder sair de um quarto, sem poder brincar, sonolento e prostrado. Nesse caso a biblioterapia se faz útil, pois auxilia na melhora emocional, ocasionando a melhora física e mental, pois o stress, nervosismo, angustia só faz piorar o estado físico e mental, sendo necessário algo que o auxilie a expressar e aliviar estas emoções.

O auxilio da biblioterapia facilita a criança a suportar o local, e aos pais a aceitarem a doença. Como nesse hospital ainda não havia um profissional que indicasse a biblioterapia, os pais fizeram por conta própria a leitura de um livro, cujo resultado foi positivo, pois conseguiu fazer com que a criança se distraísse, e o nervoso que ela estava sentindo no momento passou, ocasionou a descarga nervosa, motivando a melhora física, mental e emocional.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é utilizada há anos como forma de terapia. Diversas pessoas leem livros em busca de alívio para seus sentimentos, mesmo que sejam sem acompanhamento de um profissional. Por exemplo, uma pessoa que está sofrendo pela perda de um ente querido, resolve por si mesmo e vai até uma livraria com o intuito de comprar um livro que auxilie a suportar esta tremenda dor. Este livro será a "chave mestra" para sua recuperação. Na maioria das vezes, é um amigo próximo que, vendo a pessoa neste sofrimento, resolver dar-lhe como presente, um livro que venha de encontro com seu problema, o que ajude a aumentar sua autoestima.

Normalmente nessa situação os livros recomendados são livros que confortem a pessoa, que retratem a morte de forma espiritual, que auxilie o leitor a entender e lidar com a morte do ente querido.

Como este estudo foi voltado à biblioterapia com crianças internadas, os livros selecionados auxiliam as crianças a compreenderem o porquê de estar naquele lugar diferente, longe dos amigos e de sua casa, auxiliar a suportar sua hospedagem no hospital e ocasionar a catarse, introjeção e introspecção e projeção, a fim de que ocorra a descarga emocional.

Como podemos observar, a leitura como forma terapêutica tem o objetivo de mudar os sentimentos de uma pessoa e também seus hábitos informacionais. Além de auxiliar no tratamento de menores e maiores infratores, também de pessoas com problemas mentais, problemas de aprendizagem, psicológicos, e ainda auxilia na formação do caráter.

Podemos concretizar que a leitura é uma forma terapêutica e pode ser aplicada em diversos locais como asilos, presídios, empresas, clínicas, entre outros. Podendo ser aplicada principalmente, com crianças hospitalizadas.

A biblioterapia é importante e útil para todos os locais onde convivem pessoas de diferentes culturas. Útil a quem necessita de elevar a autoestima, a pessoas doentes, a pessoas problemáticas e em sala de aula.

A biblioterapia é diversificada, e importante. Como no livro *As mil e uma noites*, em que o rei Xariar descobriu que sua esposa o traia. Com o rei ficou com problemas psicológicos, pois toda noite ele desposava-se uma mulher diferente de seu reino, que era levada pelo vizir, e na manhã seguinte ele mandava matá-la para não ser traído outra vez. Um dia quando quase não restavam mais mulheres virgens em seu reino, Xerazade uma das filhas do vizir, teve uma ideia e pediu ao seu pai que fosse a noiva do rei. No início seu pai não autorizou, mas com muita insistência ele a levou ao rei. Xerazade então solicitou a presença

de sua irmã Duniazade no quarto nupcial, com a desculpa de que queria se despedir dela, e o rei autorizou. Após o rei desposar Xerazade, Duniazade respeitosamente pediu sua permissão para sua irmã ler uma história, e o rei aceitou seu pedido. Xerazade começou a ler uma história, e ao amanhecer ela parou a história e disse que terminaria na noite seguinte. O rei curioso para saber o final do conto não mandou matar a moça. Nas noites seguintes Xerazade utilizou a mesma tática da leitura de diversos contos para permanecer viva. Com esta estratégia, ela sobreviveu anos após anos e até teve três filhos do rei. Ao fim de inúmeras noites, ela suplica ao rei que pelo amor aos seus filhos não a executasse. Como as histórias de lição, o rei já se havia se arrependido de seus atos passados e convencido da dignidade de Xerazade tornou-a rainha definitiva.

Esta obra é a prova pura de que a biblioterapia pode curar um problema emocional, e/ou psicológico e auxiliar na recuperação de doenças. É obvio que nesta obra o rei sofreu um trauma psicológico e foi curado através de sessões de leituras.

Pode-se constatar que, a biblioterapia é muito útil no cotidiano de uma pessoa e importante na cura, recuperação e/ou reabilitação, além de auxiliar no autoconhecimento, na autoestima de uma pessoa. A biblioterapia supre a necessidade informacional do usuário, e, realizada de modo positivo e com profissionais qualificados, podem gerar resultados surpreendentes.

10 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Geyse Maria. A leitura como tratamento: diversas aplicações da biblioterapia. In: Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da informação, 14, 2011, São Luís. **Os novos campos da profissão da informação na contemporaneidade.** São Luís: UFAM, 2011. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/A%20LEITURA%20COMO%20TRATAMENTO%20diversas%20aplica%C3%A7%C3%B5es%20da%20biblioterapia.pdf>>. Acesso: em 24 jan. 2013.

ALVES, Maria helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.15, n.1/2, p.54-61, jan./jun., 1982.

BAPTISTA, Sofia Galvao; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n. 2, p.168-184, mai/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n2/v12n2a11.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOJUNGA, Lygia. O meu amigo pintor. 15. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.

BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp, A APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA EM CRIANÇAS ENFERMAS. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 1, 2002. p. 157-170. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/372/446>>. Acesso em: 12 mai. 2013.

CASTRO, Rachel Barbosa; PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para todos idosos: o que e o que significa. **Biblionline**, João Pessoa, v.1, n.2, jul/dez, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/586/424> >. Acesso em: 24 jan. 2013.

CALDIN, Clarice F. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros de Biblioteconomia**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia, Florianópolis, n.18, jul/dez. p. 89-72. 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/147/14701806.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2013

_____. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros de Biblioteconomia**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia, Florianópolis, n.12, dez. 2001 p. 32-44. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>>. Acesso em: 22 abr. 2013

_____. A teoria Merleau-Pontyana da linguagem e a biblioterapia. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v.8, n. 2, p. 23-40, jan./jun. 2011. ,

_____. **A poética da voz e da letra na literatura infantil**: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Ideias, 2010. 199 p.

_____. Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC: uma experiência. **Encontros de Biblioteconomia**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia, Florianópolis, v. 7, n.14, p. 38-54, 2002. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n14p38/5225>>.
Acesso em: 22 jan. 2013

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Doutor livro ao seu dispor** (biblioterapia). Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/noticias-cfb.php?codigo=427>>.
Acesso em: 24 jan. 2013.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1809/1651>>. Acesso em: 27 mar. 2013.

FREUD, Sigmund (1856-1939). O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GUEDES, Mariana Giuberti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na Ciência da Informação: comunicação e mediação. **Encontros de Biblioteconomia: Revista Eletrônica de Biblioteconomia**, Florianópolis, v.18, n. 36, 2013. p. 231 – 253. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p231/24527>>.
Acesso em: 27 jun. 2013

HARGREAVES, Roger. **Seu Feliz**. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Boock, [108-]

HYNES, Arleen Mc Carty. **Bibliotherapy**: the interactive process. *Catholic Library World*, Haverford, v.58, n.4, jan/fev 1987, p. 167-170.

KARTS, Lara Teixeira. **Musicoterapia com mães de recém nascidos internados em UTI Neonatal**. Goiânia: UFG, 2004. 72 f. Monografia (Bacharel em Musicoterapia).

LIMA, Cristhiane Martins. Biblioterapia: a cura a través da leitura. *Revista EDUCAmazônia: Educação, Sociedade e Meio Ambiente*, Manaus, v. 2, n. 1, jan-jun, 2009. p. 41-53, Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4001010>>. Acesso em: 29 mar. 2013

MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals. **Current studies in Librarianship**, v. 13, n.1/2, 1989, p. 1-5.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 1996. 105 p.

PINTO, V. B. A Biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, jan./abr. 2005. p. 31-43. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000400&dd1=4eac4>>. Acesso em: 14 mar. 2013

PONDÉ, Glória. **A Arte De Fazer Artes**: Como escrever histórias para crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1985. 217 p.

ROCKENBACH, Maria Helena Bezerra Cavalcanti. Vivências musicoterápicas com a literatura infantil: musicoterapia e literatura para crianças hospitalizadas. In: Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, 11, 2006, Goiânia. **Anais...** Goiânia, 2006. Disponível em: <http://www.sgmt.com.br/anais/p04temalivreartigo/TLACO01-Rockenbach_Anais_XIISBMT.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2013

SEITZ, Eva. A biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina – HU/UFSC. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 145-169, jun. 2008. Disponível em: <www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1599/1447>. Acesso em: 27 mar. 2013

SISTO, C. Contar histórias: da oficina à sinfonia. In: _____. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: ARGOS, 2001. p. 29-37.

WOOD, Audrey. **A casa sonolenta**. Ilustrações de Don Wood. 16. ed. São Paulo: Ática, 2000.